

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
A CINEMATECA COM O KINO: HISTÓRIA(S) DO CINEMA ALEMÃO
9 e 16 de fevereiro de 2023

DIE GEBRÜDER SKLADANOWSKY / 1995

("Os Irmãos Skladanowsky")

um filme de Wim Wenders

Realização: Wim Wenders / **Música:** Laurent Petitgrand / Colaboração Técnica dos alunos de Wim Wenders / **Intérpretes:** Udo Kier, Nadine Buttner, Christophe Merg, Otto Kuhnle e Lucie Hurten-Skladanowsky.

Produção: Televisão e Instituto de Cinema de Munique / **Cópia:** digital, preto e branco e cor, versão original legendada eletronicamente em português 76 minutos / **Inédito comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca Portuguesa:** 6 de dezembro de 1997 (Ciclo Novíssimo Cinema Alemão)

Sessão com apresentação no dia 9

Não há dúvida que Wim Wenders nunca é melhor senão quando se aproxima do objecto da sua paixão que é o próprio cinema, a sua história e as suas personalidades, do passado ou suas contemporâneas: da cumplicidade com Nicholas Ray (**Lightning Over Water**), da evocação de Yasujiro Ozu (**Tokyo Ga**), de "muleta" a Antonioni (**Al di là delle nuvole**). **Die Gebrüder Skladanowsky** aproxima-se destes filmes pelo objecto (o nascimento do cinema) mas afasta-se pela abordagem. O tema é tratado como se fosse já uma peça de "mitologia" tomando a narrativa um tom de féerie como num conto de fadas. Mas, no fim de contas, através dele, Wenders persegue o mesmo objectivo dos filmes atrás citados: uma espécie de "vampirização" de modelos e personalidades. De certo modo, com estes filmes Wenders repete, em termos artísticos, o acto de antropofagia que os primitivos praticavam sobre o corpo dos inimigos a fim de "assimilarem" as suas energias. Nos três primeiros isso "pratica-se" através das personalidades (Ray, Ozu, Antonioni), no que vamos ver isso manifesta-se através da técnica. Wenders procura "recuperar" o espírito da época que aborda menos pelo material disponível em arquivos (processo usado exaustivamente em documentários sobre o começo do século ou sobre os começos do cinema) e mais pela sua "reconstituição" não só dos filmes (os primitivos de Skladanowsky) como na aplicação de modelos e formas de trabalho, utilizando, para essas sequências, e as que evocam o passado, uma câmara como as que se usavam no tempo do mudo. A relação do passado com o presente faz-se através da alternância do preto e branco com a cor, mas as cenas actuais sofrem por vezes uma alteração cromática para o preto e branco quando nelas se dá a "intrusão" do passado, quando alguns personagens

(Gertrude e o tio) "invadem" o local da entrevista para se confrontarem com um "futuro" que não conhecerão.

Die Gebrüder Skladanowsky é, pois, um filme sobre o cinema. Deste ponto de vista ele é a melhor introdução para este ciclo na medida em que liga o passado com o presente, e nele Wenders trabalha em estreita colaboração com um grupo de alunos seus. Mas é-o também pelo tempo em que aparece, o do começo do segundo século do cinema. Do muito que se fez nas comemorações (e aqui vimos alguns dos filmes que nelas se integraram, e as televisões, pública e privadas, deram-nos também abundantes evocações, filmes de montagem e história do cinema), este trabalho de Wenders é um dos mais interessantes. Desde logo porque recusa a "fidelidade" histórica e a "documentação", não deixando de ser (ou sendo por isso mesmo) o melhor testemunho do tempo e das suas formas de trabalho. Aliás **Die Gebrüder Skladanowsky** tem uma convidada especial que por si só afiança a "veracidade" de tudo o que vamos ver: Lucie Hurten-Skladanowsky, a filha mais nova do pioneiro alemão, com a bonita idade de 94 anos e um espírito lúcido e ainda irreverente. A ela Wenders pede opinião sobre o filme que fez e que vemos no final durante a passagem do genérico. E ela garante que está "conforme", apesar do exagero do "romance" do tio que estraga a famosa "dança serpentina". Se tudo está "conforme" é também porque tudo é visto através do "manto diáfano da fantasia" que, neste caso, como já dissemos, se transforma num "conto de fadas". Esse olhar que nos "filtra" o trabalho dos pioneiros Skladanowsky é o de uma criança, Gertrude (a irmã mais velha de Lucie) "ressuscitada" por obra e graça do cinema, e esse "filtro" é o do seu "desejo". A evocação de Wenders afasta-se, por isso, dos percursos "solenes" a que as histórias nos habituaram (apetece chamar ao filme "Os Gloriosos Malucos das Máquinas de Filmar"), para se centrar na transformação que o desejo de Gertrude faz do processo, tornando-se o seu centro. A sua paixão pelo tio funâmbulo que leva o pai e o outro tio a trabalharem afincadamente para construírem máquinas capazes de "guardarem" e "reproduzirem" as brincadeiras e os truques do primeiro. Que isto pouco ou nada tenha a ver com a verdade histórica interessa muito pouco, pois estamos no reino do sonho e do desejo materializado e nele, como há muito se sabe "quando a lenda se torna facto, publica-se a lenda". Todo o filme manifesta um prazer enorme na viagem que faz pelo passado, e na reconstrução do tempo, nos gags que se sucedem com as peripécias das descobertas (e a presença do "espião") das sessões e, enfim, do reconhecimento da sua ultrapassagem pelos Lumière (também "convocados" à homenagem), na reconstituição dos filmes dos Skladanowsky e na hábil fusão do passado e do presente. Mas acima de tudo, é a presença e os comentários de Lucie Skladanowsky que dá ao filme uma textura que o coloca ao nível da lenda, tornando-se de evocação do passado quase num real testemunho coevo. Um belíssimo filme e uma belíssima homenagem ao cinema, à sua história e aos seus pioneiros.

Manuel Cintra Ferreira